

Perigo nas veias

06/07/2009
Estado de Minas

A hipertensão arterial é uma das doenças de maior prevalência no mundo moderno. Estima-se que o mal atinja de 15% a 25% da população mundial. No Brasil, o cálculo é que essa média seja de 20%, ou seja, um em cada cinco brasileiros é hipertenso.

Entre as causas da hipertensão estão a hereditariedade, a obesidade, o sedentarismo e o alcoolismo. Se não for tratada, a hipertensão pode levar a doenças coronarianas, acidentes vasculares cerebrais e problemas renais. É a principal causa de morte e incapacidade entre pessoas adultas.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a pressão arterial é considerada ótima quando registra os valores 120x80mmHg. É considerada hipertensa a pessoa que apresentar de maneira constante pressão arterial acima de 140x90mmHg. Apenas a manutenção desses níveis, em medições múltiplas, feitas em horários, posições e condições diferentes (deitado, andando, sentado etc.) caracteriza o quadro de hipertensão arterial.

Os números referentes à pressão são medidos em milímetros de mercúrio (mmHg). O primeiro número, de maior valor, se chama sistólico e corresponde à pressão da artéria no momento em que o sangue é bombeado pelo coração. O número de menor valor se chama diastólico e corresponde à pressão da artéria no momento em que o coração está relaxado, depois de uma contração.

O aparelho usado para a medição da pressão arterial é o tensiômetro, também chamado de esfigmomanômetro. O estetoscópio é usado para auscultar os batimentos cardíacos quando se faz a medição da pressão.

As fases para a produção é o teste em animais, quando se verifica a eficácia do fármaco nas cobaias. Se o medicamento for aprovado, tem início a próxima fase.

A segunda, chamada de Fase Clínica 1, quando o produto é testado em um pequeno grupo de humanos para medir a sua toxicidade, ou seja, que efeitos lesivos o remédio pode causar ao organismo das pessoas.

Terceira fase, chamada Fase Clínica 2, visa provar a eficácia do medicamento em seres humanos. O objetivo é saber se o princípio ativo é realmente eficiente no tratamento das doenças. Nesta etapa, o produto é testado em grupos de doentes de no máximo 40 pessoas.

Quarta fase busca provar a relevância estatística do medicamento, ou seja, se o seu uso apresenta resultados estatísticos positivos no combate à doença. É a fase mais cara de todo o processo.

Quinta fase é a aprovação da produção do medicamento pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), sem a qual o produto não pode ser produzido e comercializado nas farmácias.

Sexta fase. Obtida esta autorização, a próxima etapa é ter o preço do remédio aprovado pelo governo federal. Essa é uma decisão que leva em conta fatores econômicos e políticos, pois é necessário que o fármaco tenha um preço que permita seu uso em larga escala, principalmente no Sistema Único de Saúde (SUS).

No caso do anti-hipertensivo que já obteve a patente na China, os pesquisadores da UFMG acabam de concluir a primeira fase, o estudo pré-clínico, com o uso de cobaias. A professora Heloísa Schor esclarece que é praxe pedir a obtenção da patente no início das pesquisas, justamente para tornar mais ágil o processo e tentar reduzir o prazo para que o medicamento chegue às farmácias.